

| Conto

QUITÉRIA

Por Raquel Soares

TODA MANHÃ QUITÉRIA AGRADECE A DEUS por sua vida. Ela sabe o quanto sua existência é valiosa. Quando a alta estima não está tão alta assim, ela canta para acalmar, confortar o seu espírito. Tem noites que sente um vazio no coração, a falta de algo que não conhece. Desconhece tantas coisas... Tenta aprender a observar os momentos, passa por tantos todos os dias. Vê-se descendo as escadas quando pensa que está subindo. Desce a Vigolvinho Wanderley de moto para chegar ao trabalho. Adora pilotar a vida, como se não tivesse nada a perder. Quitéria muito séria, quem não conhece? Trabalha, não porque precisa do dinheiro, mas para ganhar a vida. Ganhar da vida! Conhece poucas pessoas. Sua mãe não a deixa sair à noite sozinha. Acompanhada nunca! Quando a mãe saía para trabalhar na imobiliária deixava Sonia com Quitéria pequena. Sonia era uma babá carinhosa. Quitéria colocou um apelido nela desde pequena, era a sua “Mã”. A mãe resistiu no início, mais a garota logo depois estabeleceu sozinha a diferença. Mamãe e Mã eram distintas como o sol e a lua. O pai não existia. A casa ficava vazia. Sonia, por que minha mamãe diz que papai morreu? Porque ele morreu, minha filha. A senhora viu quando ele estava morrendo? Não! A senhora conheceu ele vivo? Não! Viu ele morto? Não! Então ele não morreu para a senhora. Ele nunca existiu. E assim era a concepção de Quitéria sobre seu pai. As fotos, as lembranças que a mãe falava tanto, nada representavam para a garota. Ela acredita no que sentia, e nunca sentiu o seu pai. A mãe olha para a filha como se ela fosse de brinquedo. A filha olha para Mã como se ela fosse um tesouro. A filha olha para a mãe como se ela fosse uma santa de madeira. A mãe finge que é a pessoa mais pura da face da terra. Ela vai à missa todos os domingos. Acende velas e mais velas para todos os santos possíveis. Afirma falar sempre a verdade. Na sua cabeça dá bom exemplo de cidadania e compaixão a todos que a conhecem. Quitéria odeia qualquer tipo de religião, igrejas e etc. Ela acredita no que sente e sente a presença de Deus constantemente em sua vida. Ela não acredita em santo

muito menos em santa. Ela crê na sua fé porque é capaz de senti-la correndo em suas veias como presença de vida. Não acredita na fé dos outros. Não é problema dela. Quitéria conhece a noite da janela do quarto. O céu parece uma grande árvore natalina. As estrelas são os pisca-piscas que ela adorava apertar quando mais nova. E foi em uma das grandes festas de fim de ano que sua mãe fazia que tudo aconteceu. A casa parecia pequena porque ficava apertada. Ela gostava de sentir tantas pessoas juntas. Uma casa tão grande para quem? Para quê? Ela adorava as festas. Todo mundo fingia ser o que não era. Tinha gente de todos os tipos. Eram os bons(vi)zinhos. Quitéria adorava ver as máscaras caindo. Ela enxergava além. Sempre sabia quem era quem: a dona da farmácia era a grande paixão do padeiro, ele por sua vez, tinha uma mulher protestante, que protestava até os restos de migalhas que o marido dava para os cachorros. O mecânico adorava aumentar os preços dos seus serviços para as donas Luíza e Geovana, elas eram as mais metidas da rua. Quitéria nunca se desconheceu nessas festas. Na noite fria da serra da Borborema, ela se esquentou entre os convidados. O cheiro forte de vários perfumes entrelaçados, mergulhados num único espaço a instigava. Ela passava horas olhando para os adultos. Eles podiam tudo porque adoram as máscaras. Ela era uma felina. Os quatorze anos não deixavam a desejar nos olhos daqueles mascarados. Ela vestiu a máscara nesse dia. O seu corpo já crescido para uma menina tão nova. Ela odiava quando escutava a sua mãe dizer para as suas tias que ela já “era moça”. Pensava na idiotice dessa afirmação, ora, ela sempre foi moça, desde que nasceu. De menina, Quitéria só tinha a indecência infantil. Ela olhava os rapazes com repugnância. Eles ficavam abestalhados olhando para partes do seu corpo, eram incapazes de olhar para um todo. Ela não se considerava um ser em pedaços. Era inteira, queria que a vissem desse jeito, inteiramente (fé)minina. Caminhou entre os convidados buscando algo desconhecido. Ela queria se descobrir porque reconhecia muito bem os seus instintos de humanidade, e por isso se mascarou. O que o ser que se chama humano não sabe... reconhecer os seus próprios desejos. Antes da festa começar ela foi até a cozinha, sem fazer barulhos. Despejou vinho branco em uma garrafa de refrigerante de 600 ml. Pegou a sua toalha de banho e enrolou a garrafa discretamente. De longe ninguém percebeu que existia algo na toalha. Subiu para o quarto e bebeu a metade da garrafa. Ela nunca havia bebido, e o primeiro gole foi azedo, amargo, para uma garganta santificada pela mãe a vida toda. Com o passar do tempo ela sabia que teria que aprender a apreciar o gosto seco de muitas coisas. Escondeu a garrafa em seu guarda-roupa. Ela desceu as escadas com o vestido pink de mangas curtas, na altura das coxas. O decote em v acentuava a silhueta. O vestido era

fechado com botões na parte da frente, deixou os botões abertos o mais perto possível de seu colo. Ela chamava os olhares discretos dos mascarados e indiscretos dos rapazes. As primas mais velhas a olhavam com despeito, mas Quitéria não era de conversinhas com meninas, com priminhas ou com quem quer que fosse. Ela não era assim. Sempre brincou sozinha. A mãe reclamou a festa inteira porque Quitéria comprou uma sandália salto 10cm. Meninas da sua idade não usam esse tipo de calçado! Ela fingia não escutar. A mãe disse que ela estava vulgar. Quitéria disse que não tinha tempo para dicionários. Quitéria conheceu a máscara porque achou que queria ser tudo para os outros, porque ela não buscava perguntas para tudo, desde que percebeu que só faz sentido o que se acredita. Ela andava pela sala com um ar de superioridade incrivelmente exarcebado. O batom vermelho na boca, e a postura da (fé)minina evidenciavam uma trivialidade que ascendia nos homens um anseio no desvendamento daquela criatura que parecia já tão desvelada. As amigas de sua mãe procuravam manter a postura diante da filha de sua anfitriã. Elas sentiam-se amedrontadas pelo comportamento da garota. Comentavam baixinho pelos corredores o que tinha acontecido com aquela menina, tão séria que só usava cor escura, tão composta na maioria das vezes, e tão recatada sempre. Quitéria só passou um pouquinho para o outro lado, um lado onde só quem percebe é quem passa por ele. Ela recebeu os convidados com muita simpatia e insinuação, nunca havia sido desse jeito, tão boa anfitriã, mas a máscara até que lhe caiu bem. Ela passava e repassava entre todos os homens. Ela bem sabia o que desejava todas as noites no quarto. Ela sabia sentir a si mesma e a seus instintos. A mãe lhe ensinara que apenas os homens tinham instintos sexuais, a mulheres eram apenas as coadjuvantes. Ela sentia que não. Em tantos “não” e “nãos”, ela procurava o “sim” fora de si, porque dentro de si já existia há muito tempo. Agora entre o olhar devastador de Sr. Luis, um sim e um não. Para o homem de 37 anos: sim! Para uma menina com a libido aflorada: talvez! Para os convidados perceptivos a qualquer tipo de olhar revelador: não! Para a garota: sim! sim! sim! Entre pequenos e grandes desvios de salas, varandas, cozinhas, jardins, e... sim! Quitéria olhou firme para os olhos do seu mascarado na escada do quarto, ninguém havia, eles haveriam. Ele em nenhuma palavra. Ela pronunciou algumas... o que veio procurar? Acha que já encontrou?... sim! e sim! Os lábios que pareciam ser tão vulgares revelaram nenhum esforço de menina. Quitéria sabia o que fazer exatamente... onde morder, onde lambe, onde tocar, onde se deixar pôr, e ela deixava-se porque queria. Ela lia muito sobre coisas desse tipo: colocações, variações e justaposições. Ela treinou por muito tempo no seu quarto, com suas bonequinhas já tão sujas de sua infantilidade. E ela

entendia o que ele estava propondo em questões de segundo. Ele nada dizia, fazia o que lhe era de direito, já que ela lhe deu espaço para. Ela gostava dessa determinação dos adultos, em especial dos homens mais velhos. Eles sabem a diferença entre o certo e o errado e mesmo assim fingem está fazendo a coisa certa, quando na verdade sabem que não. Ela o sentia em seu mais íntimo, e chorou quando terminou porque estava feliz de ter sentido tanto a sua alma exposta por meio de sensações inovadoras, e porque estava triste por precisar usar máscara para viver esse momento. Ela voltou para o quarto, depois de um longo beijo de despedida em seu amante. Tomou um banho, vestiu suas verdadeiras roupas e sentiu que o lado de lá pode ser mais sombrio do que parece ser. Ela preferiu ficar na reserva, não para alimentar o falso moralismo de sua mãe, mas porque alimentava o que era realmente por dentro. Quando desceu para cozinha para beliscar alguma comida, encontrou sua mãe conversando com seu tio, irmão do seu falecido pai. Eles falavam muito baixo e ela se aproximou com delicadeza para escutar. Ele estava encostado no balcão, enquanto sua mãe se mergulhava em lágrimas. Ela ainda escutou quando ele afirmou que não iria se separar. A sua mãe retrucou dizendo que iria dizer para todos ali mesmo quem era o verdadeiro pai de sua filha. ?????!!!!. Quitéria passou meia hora na escada da violação, chorando por ter sido violada por tanto tempo. Ela entendia como, e os porquês não importavam. Ela se acalmou e desceu para a festa. Ela não fingiu que nada aconteceu, ela ficou quieta porque sempre fora assim, ela não precisava sair por aí contando os seus dilemas adolescentes, não interessava a ninguém, se não a ela mesma. O que ela não entendia é como esses mascarados conseguiram fingir o tempo todo e por muito tempo. Ela entendia porque sua tia Margarida, esposa de Marcos, nunca participava das reuniões em família, ela entendia os olhares dirigidos a sua mãe, e a plena perseverança desta em provar que era descente. Ela não entendia tanta covardia. Ela foi dormir antes da festa terminar. Tentou e tentou. No dia seguinte, café da manhã, a mãe com olhos inchados. Quitéria pergunta a mãe se ela precisa de alguma coisa. Quitéria sente pena de sua mãe, não concorda, mas a perdoa. Ela afirma que já sabe de tudo, e que não quer falar sobre o assunto. A mãe não parece muito surpresa, olha para a filha com um semblante de satisfação forçada: Que bom, filha, o que você acha? Acho que não foi certo de sua parte esconder isso de mim por tanto tempo, e não sei como tem a coragem de me perguntar o que acho! Por tanto tempo, como assim? Filha ele tá separado há anos e começamos a sair faz um mês! Ontem eu e Luis oficializamos o nosso relacionamento, e fiquei muito triste com sua ausência. Bendito Sr. Luís! Quitéria desde então, entendeu que usaria a máscara

também pelo resto da vida. Durante os jantares em família seu novo pai a fitava com desejo e ela não conseguia se esquivar daqueles braços fortes e daquela virilidade ascendente. A sua cama, o balcão da cozinha, e o sofá exalavam essa paixão. A mãe comentava com ela que um casamento não é só de paixão e amor, mas de respeito e amizade. A garota não entendia. Voltava mais cedo da escola todo o dia, dormia mais tarde todas as noites. Respirava aquele desejo em casa, na escola, no shopping, e não sentia mais o vazio em seu coração. Ela tinha uma razão maior para viver até que Luís abandonou a mãe e a filha para morar com uma garota de 20 anos. Ela o odiou eternamente. A mãe fingiu sofrer por ele, mas achou melhor assim, antes enquanto é cedo. Quitéria estava arrasada porque não tinha em quem se apoiar para esconder o seu verdadeiro amor, sofreu por paixão. Depois de anos, Quitéria arrumou um bom emprego. Trabalha em busca de uma paixão constantemente. Quando chega a casa, o corpo cansado, ela agradece a Deus por mais um dia. Ela acredita que Deus nunca a abandonou, ela ainda conserva a sua fé. Ela coloca a máscara e embarca em suas aventuras idealizando cada amante como se fosse o único. Sua mãe acha que ela só trabalha num escritório de advocacia, realmente ela digita alguns relatórios e organiza a agenda do seu patrão. Mas depois do estágio, ela se dirige ao escritório 2. Sim, ela passa pelo segundo todas as tardes para saber quem será o próximo. E todos os dias ela diz sim, sim, sim para um novo mascarado.

RAQUEL MARIA SOARES RODRIGUES (Rio de Janeiro/Paraíba) – Poeta e cronista. Graduada em Letras e mestranda em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba.